

Editorial

*“Ser capaz de permanecer em incertezas,
mistérios e dúvidas sem uma busca irritada
por fatos e razões.”*

(Keats, 1817/1958)

A complexidade da experiência sexual humana desafia explicações únicas e abordagens simplificadoras. Sempre que uma teoria, uma ideologia ou uma identidade pretende explicar tudo, corre-se o risco de apagar aquilo que há de mais singular em cada sujeito. Essa tarefa se torna ainda mais desafiadora no mundo em que vivemos, marcado por tendências à homogeneização, pela circulação de versões simplificadas da realidade e pela crescente dificuldade de sustentar diferenças. Os limites entre eu e outro, interno e externo, fantasia e realidade, parecem, por vezes, mais borrados. Ao mesmo tempo, observamos ataques ao pensamento complexo e uma busca crescente por respostas rápidas e certezas absolutas. Talvez justamente por isso a sexualidade continue nos convocando à escuta e à reflexão. Ela nos lembra que a experiência humana não cabe inteiramente em categorias prontas e que existe sempre algo que escapa às definições, exigindo abertura para o enigma, para a alteridade e para a diversidade das formas de viver e significar.

A riqueza e a diversidade dos trabalhos recebidos evidenciaram não apenas a atualidade do tema, mas também a impossibilidade de esgotá-lo em uma única edição. Pautados por nosso compromisso de sustentar um espaço para a complexidade e para a multiplicidade de vozes, ampliamos o debate iniciado no número anterior e apresentamos esse segundo volume dedicado à Sexualidade(s).

Nosso número abre com um dos maiores autores da psicanálise contemporânea: André Green. Em um artigo inédito em língua portuguesa, *Negativo e negação em psicanálise*, o autor sistematiza, a partir do pensamento freudiano, uma ampla reflexão sobre o negativo, explorando as múltiplas formas pelas quais o *não* se manifesta na vida psíquica, na linguagem e nos vínculos humanos. Green amplia a compreensão das diferentes figuras da negatividade e de seu papel na constituição do sujeito. Ao articular mundo interno e intersubjetividade, pulsões e objetos, teoria e clínica, o texto evidencia como as diversas modalidades do negativo participam tanto da estruturação psíquica quanto dos sofrimentos humanos, oferecendo uma contribuição teórica de grande alcance para a compreensão dos desafios da subjetividade contemporânea.

Na esteira de grandes pensadores psicanalíticos de nosso tempo, Alessandra Lemma nos convida a refletir sobre uma das questões mais complexas e atuais da clínica contemporânea. Em *O que falta: explorando o uso de fotografias na “elaboração” do corpo de nascimento com jovens transgêneros*, a autora explora o lugar do *corpo de nascimento* na experiência de jovens transgêneros, propondo que a transição de gênero pode envolver também um trabalho psíquico de elaboração de aspectos da história corporal que permanecem dolorosos, traumáticos ou ainda não simbolizados. A partir de uma rica experiência clínica, Lemma descreve o uso de fotografias como recurso terapêutico para favorecer a construção da narrativa inconsciente do corpo de nascimento, ampliando as possibilidades de integração subjetiva e de escolha autônoma sobre como habitar o próprio corpo.

Os estudos das sexualidades contemporâneas emergem no presente número, evidenciando a multiplicidade de configurações que a sexualidade assume na vida psíquica e na cultura. Segundo essa perspectiva, em *Édipo e diferença sexual em Freud: ambivalências e deslocamentos contemporâneos*, Mariana Pombo revisita criticamente o complexo de Édipo na teoria freudiana, interrogando as tensões entre a desnaturalização da sexualidade e a permanência de concepções binárias da diferença sexual, bem como os desafios que as transformações contemporâneas do gênero e da sexualidade colocam à psicanálise. O feminino é abordado tanto em *O feminino e as questões de gênero: de Lilith à contemporaneidade*, de Betina Teruchkin e colaboradores, que articula mito, cultura e gênero, quanto em *Como a psicosssexualidade de uma menina pode ampliar o debate sobre sexualidade feminina? Sobre assimetrias, confusão de línguas e o perigo de uma história única*, de Marina Bento Gastaud, que explora os efeitos das assimetrias, das confusões de línguas e das narrativas únicas na compreensão da sexualidade feminina. As transformações introduzidas pelo universo digital ampliam ainda mais tal campo, seja por meio da exploração identitária possibilitada pelos avatares em *Avatares como objetos transicionais: explorações de identidade sexual em ambientes digitais*, de Fauzi Palis Jr., seja pelas relações entre fantasia, pornografia e vida erótica contemporânea examinadas em *Na alcova da internet: as relações entre as fantasias masturbatórias e a pornografia*, de Caio Ferreira Romano e Cassandra Pereira França. Encerrando esse conjunto, *Escuta desviante: uma psicanálise possível*, de Lorena Lopes de Freitas Dias e Evandro de Quadros Cherer, propõe uma reflexão sobre a escuta psicanalítica das experiências sexo-gênero dissidentes e seus desafios à clínica contemporânea.

A seção *Temas diversos* apresenta a riqueza e a pluralidade do pensamento psicanalítico contemporâneo. Nesse número, transitamos entre as contribuições da psicanálise grupal e institucional: os desafios colocados pelas diferenças nos

laços sociais. Em *O sujeito singular plural: a perspectiva grupal de René Kaës*, Pablo Castanho apresenta a originalidade da metapsicologia grupal kaesiana e sua relevância para a compreensão das patologias narcísicas e dos fenômenos institucionais. Sandra Nunes Caseiro, em *O indivíduo, o grupo social, as diferenças e o tumulto focalizando a sexualidade: um ensaio à luz de W. R. Bion*, propõe uma reflexão, inspirada em Bion, sobre as tensões entre singularidade, sexualidade e pertencimento grupal.

Na seção *Psicanálise em diálogo*, a interlocução é feita com a filosofia, por meio de uma reflexão sobre o lugar do pensamento na contemporaneidade e os desafios culturais que cercam a capacidade de pensar em nosso tempo. Em *Algumas reflexões sobre a interdição contemporânea ao pensar: mal-estar atual?*, Gabriel Ferreira examina as raízes filosóficas e culturais de uma possível hostilidade contemporânea ao pensamento, propondo que esse fenômeno represente uma forma específica de mal-estar distinta daquela descrita por Freud. O artigo é seguido por um comentário de José Carlos Calich, que amplia o debate sobre as relações entre cultura, formação humana e pensamento na atualidade.

A edição finaliza com a criativa resenha de Samantha Nigri sobre *Conversa Infinita*, de Mariano Horenstein, um livro repleto de humanidade que celebra a curiosidade, o encontro com o outro e a inesgotável capacidade humana de pensar, conversar e se transformar.

Retomando o desejo de Keats de sustentar a experiência da incerteza, dos mistérios e das dúvidas sem a necessidade de resoluções apressadas, espero que os artigos do presente número provoquem desconfortos e aberturas, ampliando nossa capacidade de pensar a complexidade das sexualidades contemporâneas.

Ótima leitura!

Referências

Keats, J. (1817). Letter to George and Thomas Keats, 21 December 1817. In H. E. Rollins (Edit.), *The letters of John Keats, 1814–1821*. Londres: Harvard University Press, 1958.

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*